

MANUAL PARA TRABALHOS ESCRITOS¹

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

1. ELEMENTOS DE UM TRABALHO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Quando a pesquisa alcança um nível satisfatório para se ter uma ideia do que colocar no trabalho, pode-se iniciar a elaboração, tendo consciência, porém, do surgimento de novos elementos (dados, percepções) que exigirão remanejamentos e atualizações. Os diversos momentos descritos aqui segundo a ordem lógica da elaboração podem sobrepor-se parcialmente.

1.1 Problema e hipótese

“O que quero mostrar?” – O primeiro elemento a ser elaborado é a formulação do objetivo, que será, essencialmente, uma pergunta a ser respondida ou uma hipótese a ser verificada ou —desverificada. No início da pesquisa, é preciso —problematizar, expressar bem o problema de que se trata, a partir da percepção inicial e de certa intuição da resposta ou do resultado. Tal pergunta ou hipótese ganhará contornos mais claros ao longo da pesquisa.

1.2 Estado da questão e levantamento da literatura

“O que se está dizendo sobre o assunto?” – Tendo uma visão clara do objeto da pesquisa, é importante verificar o estado da questão, ou seja, a situação do debate no momento atual, para não passar ao lado de importantes estudos já realizados ou formular conclusões que já invalidadas. Tal estado da questão se baseia normalmente nas obras de reconhecida importância da atualidade e nas produções parciais (artigos etc.) dos anos recentes, apresentados em ordem cronológica ou temática (revisão de literatura).

1.3 Análise

“Que elementos devem ser analisados?” – Na análise, os elementos observados na pesquisa são separados (isolados) para serem observados individualmente (assim como, para estudar uma doença, é preciso isolar o vírus e estudar seu comportamento). Ultimamente fala-se em — desconstrução, isto é, tirar os elementos fora de seu quadro costumeiro de interpretação, para integrá-los num novo quadro de compreensão.

1.4 Síntese

“O que devo guardar disso e como articulá-lo numa unidade?” – Depois da análise, organizam-se os elementos que contribuem para a questão ou hipótese proposta, segundo as relações lógicas que conduzem à confirmação ou invalidação.

1.5 Conclusão do trabalho

“Que posso responder à pergunta inicial?” – A conclusão da pesquisa deve corresponder ao problema ou à hipótese iniciais: deve ser a resposta ao problema ou a verificação da hipótese, ou então, a constatação da impossibilidade de tal resposta ou verificação. Também o resultado negativo ou aberto é um resultado que contribui para o progresso do saber.

¹ Texto extraído e compilado do “VADE-MÉCUM para pesquisa e redação em filosofia e teologia” da FAJE. (Para fazer download do V-M completo acesse: <http://bit.ly/1FqsUek>). Adaptação feita por Rodrigo Ladeira Carvalho.

1.6 Metatextos

Na redação final, os diversos elementos são interligados por metatextos (textos sobre o texto) que explicam, no início e no fim de cada secção primária (capítulo), a concatenação do argumento. A introdução do trabalho é um metatexto que explica a delimitação do assunto, diz de que se quer falar e de que não, mostra os passos do caminho. Como só quem já os percorreu sabe mostrar os passos, a Introdução se escreve por último, formulando a pergunta ou hipótese de partida nos mesmos termos em que é tratada na Conclusão e anunciando o resultado da pesquisa.

2. ANOTAÇÃO DE FONTE EM PARÊNTESE (SISTEMA AUTOR-DATA)

Segundo este sistema, que é praxe ou até exigência para artigos acadêmicos, insere-se no texto, logo depois da citação, entre parênteses (), o sobrenome do autor, em maiúsculas, a data da obra e a parte citada (com p. [página]), tudo separado por vírgulas.

No caso de dois autores da mesma obra, os sobrenomes são separados por ponto-e-vírgula. Havendo mais de dois autores, menciona-se apenas o primeiro e acrescenta-se et al. (= abreviatura de et alii)

(KONINGS, 2005, p. 45).

(TABORDA; LIBANIO, 1999, p. 45-47).

(BARROS et al., 2002, p. 345).

Se o autor é mencionado no corpo do texto, na proximidade da citação, pode-se colocar a anotação logo depois desse nome (grafado em tipo normal), mencionando-se entre parênteses apenas data e página.

Como diz Libanio (2007, p. 99): —Deus é amor.

Caso haja diversas obras do mesmo autor com o mesmo ano de edição, sejam individuadas acrescentando-se a, b etc.

O sol avermelhou (MEIRELLES, 1938a, p. 72), roxeou (id., 1938b, p. 32).

Ocorrendo citações de diversos autores com o mesmo sobrenome, faz-se a distinção acrescentando as iniciais do nome, separadas por vírgula:

(SILVA, C., 1987, p. 14)

(SILVA, A., 2005, p. 56)

Caso o mesmo autor seja repetido imediatamente depois, seu nome será substituído por id. (= idem); se a mesma obra for repetida, nome e data são substituídos por ibid. (=ibidem).

Nessa obra, nossa romancista usa a expressão se deixou estar (ASSIS, 1899, p. 25), e assim também em outro romance: Ele se deixou estar (id., 1902, p. 32).

Nesta mesma obra ocorre uma variante: Ele se pôs (ibid., p. 33).

3. A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

A expressão referência bibliográfica pode se referir à obra individual ou, no uso atual, à lista de obras citadas no final do trabalho acadêmico.

A referência serve para a identificação inconfundível da fonte da citação. Na lista final das referências, tem de aparecer em sua forma essencial integral (não abreviada, como nas

anotações de fonte). Na forma essencial não se consideram as informações suplementares, como título original, tradutor, coleção, tamanho, preço etc., que servem para outros fins. O que permite a identificação da anotação de fonte com a referência é a entrada, ou seja, a primeira palavra da referência (grafada em maiúsculas) acompanhada de um complemento (no sistema autor-data que estamos utilizando, o ano de publicação).

3.1 Referência de livros

Dados essenciais: SOBRENOME (maiúsc.), Nome. **Título** (negrito): subtítulo. Edição (se não for a primeira). Local: editor, ano de publicação.

a) *Caso mais simples:* um autor apenas

GOTTWALD, Norman Karol. **As tribos de Iahweh:** uma sociologia da religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

b) *Mesmo autor, outra obra*

Substituir o nome por traço prolongado _____ (seis espaços, independentemente do tamanho do nome substituído), seguido de ponto.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

_____. **Esfinge clara.** Rio de Janeiro: São José, 1962.

c) *Dois autores*

MORGAN, Clifford; DEESE, James. **Como estudar.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1970.

d) *Três autores*

KATZ, Samuel; DORIA, Francisco; LIMA, Luís Costa. **Dicionário crítico da comunicação.** Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1971. **Ou:** KATZ, Samuel et al. **Dicionário crítico da comunicação.** Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1971.

e) *Mais de três autores*

BECKER, Fernando et al. **Apresentação de trabalhos escolares.** 6.ed. Porto Alegre: Prodil, 1982.

f) *Autoria impessoal, entidades coletivas*

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. **Tipos e aspectos do Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

g) *Entrada pelo editor ou organizador*

ARCHAMBAULT, Reginald D. (Org.). **Educação e análise filosófica.** São Paulo: Saraiva, 1979.

h) Entrada pelo título

RELIGIÃO e Cristianismo: manual de Cultura Religiosa. 2.ed. Porto Alegre: Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – PUCRS, 1977.

Obs.: neste caso, o título não vai em negrito.

i) Obras em vários volumes

INSTITUTO CATEQUÉTICO SUPERIOR DE WÜRZBURG. **Teologia para o cristão de hoje**. São Paulo: Loyola, 1975-1981. 10 v.

3.2 Referência de verbetes de dicionários

a) Com autoria própria

GENNARI, G. Segni dei tempi. In: **NUOVO dizionario di spiritualità**. Roma: Paoline, 1979. p. 1401-1421.

b) Sem autoria própria

CEVADA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (Ed.). **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 312.

3.3 Referência de artigos de revista

Sobrenome do autor (maiúsc.), **nome**. **Título do artigo**. **Título da revista** [e do fascículo ou suplemento, se tiver título próprio] (negrito), **local** [se preciso], **número** do volume ou tomo-ano, **fascículo**, **páginas** inicial e final do artigo, **mês** [ou equivalente] + **ano de publicação** do fascículo.

a) Com autoria própria

MOSER, Antônio. O domingo: que fazer com ele?. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 37, n. 147, p. 492-493, set. 1977. [Observe o ponto separador depois de ?].

b) Sem autoria própria

O FUTURO da Universidade. **Revista Acadêmica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 40-43, maio/ jun. 1970.

“NÓS nos devíamos lembrar dos pobres” (Gl 2,10): em preparação à IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Perspectiva Teológica**, v. 22, n. 58, p. 283-288, set./ dez. 1990. Editorial.

3.4 Referência de fontes informáticas

Elementos essenciais: **autor**, **denominação** ou **título** e subtítulo (se há) do serviço ou do produto, indicações de **responsabilidade**, **endereço eletrônico** e **data de acesso**.

Homepage institucional:

CIVITAS. Coordenação de Simão Pedro P. Marinho. Desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1995-1998. Apresenta textos sobre urbanismo e desenvolvimento de cidades. Disponível em: <[http:// www.gcs.net.com.br/oamis/civitas](http://www.gcs.net.com.br/oamis/civitas)>. Acesso em: 27 nov. 1998.

- Obras impressas consultadas eletronicamente devem ser referenciadas com base na forma impressa. Se isso for impossível, mencione-se: (texto impresso indisponível).

4. APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Nesta secção apresentamos as orientações formais para a execução e apresentação dos trabalhos de aula e de conclusão de curso.

Diagramação e disposição

- *Configuração da página:*

papel A4,
margens superior e esquerda: 3cm,
margens inferior e direita: 2cm.

- *Parágrafo normal:*

Tipo: Times (*Times New Roman*) 12,
entrelinha 1,5, justificado,
3 pontos antes e 3 depois,
reco de 2 cm na primeira linha.

- *Parágrafo recolhido ou de citação:*

Fonte Times 11, entrelinha 1, justificado,
3 pontos antes, 3 pontos depois,
o parágrafo inteiro alinhado a 4 cm da margem do texto normal, sem reco na 1ª linha.

- **Título 1:** Times 16 negrito, centralizado e caixa alta (todo em letras maiúsculas).

- **Título 2:** Times 14 negrito, alinhado na margem esquerda.

- **Título 3:** Times 12 negrito, alinhado na margem esquerda.

- *Referência (lista) bibliográfica:*

Como o Parágrafo recolhido (acima), mas sem reco de margem.

- *Nota de rodapé:*

Times 11 (automático no *Word*).

- *Numeração das páginas:*

Embaixo, à direita.

- *Esquemas, textos especiais etc.:*

Em princípio: Times 11, entrelinha 1.

Todavia, a natureza do esquema pode determinar o tipo e a formatação (texto centralizado ou não etc.).

Cabeçalho para todos os trabalhos (exceto artigos)

Os trabalhos não levam folha de rosto, mas são encimados pelo cabeçalho simples cf. exemplo a seguir:

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Núcleo de Extensão e Especialização da FAJE

PGLS - Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo

Disciplina: Juventude, comunicação e novas linguagens

Professor: Vanessa Correa / Márcio Camacho

Aluno: Juvenil Pontes

Data: 13.01.2016

DÁDIVA DESMESURADA

Nossa pesquisa não pretende ser um estudo exaustivo do vigoroso trabalho ensaístico de Marcel Mauss (1872-1950). Interessa-nos apenas uma leitura introdutória de sua teoria para proveito antropológico que, inclusive, ultrapassa o propósito de Mauss. Ser-nos-á útil, a ideia subjacente à instituição do potlatch¹ e a noção de hau ou mana, delineados por M. no primeiro tópico² de sua obra. Tomaremos o Ensaio diacronicamente, ou seja, entendido na ideia geral de que o presente não é tão ingênuo, mas provocador e reclamador de reciprocidade.

Modelo de formação de TCCs (exceto Artigos):

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Núcleo de Extensão e Especialização

PGLS - Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo

Trabalho de Conclusão de Curso / **Monografia [ou Cartilha etc...]**

¹ O *potlatch* é uma cerimônia praticada entre tribos indígenas da América do Norte, como os *Haida*, os *Tlingit*, os *Salish* e os *Kwakiutl*. Também há um ritual semelhante na *Melanésia*.

² Intitulado “*As dádivas trocadas e a obrigação de retribuí-las (Polinésia)*”.

Professor: Vanessa Correia

Aluno: Juvenil Pontes

Data: 13.01.2016

DÁDIVA DESMESURADA

Nossa pesquisa não pretende ser um estudo exaustivo do vigoroso trabalho ensaístico de Marcel Mauss (1872-1950). Interessa-nos apenas uma leitura introdutória de sua teoria para proveito antropoteológico que, inclusive, ultrapassa o propósito de Mauss. Ser-nos-á útil, a ideia subjacente à instituição do potlatch¹ e a noção de hau ou mana, delineados por M. no primeiro tópico² de sua obra. Tomaremos o Ensaio diacronicamente, ou seja, entendido na ideia geral de que o presente não é tão ingênuo, mas provocador e reclamador de reciprocidade.

1. Ensaio sobre a dádiva

Nossa pesquisa não pretende ser um estudo exaustivo do vigoroso trabalho ensaístico de Marcel Mauss (1872-1950). Interessa-nos apenas uma leitura introdutória de sua teoria para proveito antropoteológico que, inclusive, ultrapassa o propósito de Mauss. Ser-nos-á útil, a ideia subjacente à instituição do potlatch e a noção de hau ou mana, delineados por M. no primeiro tópico de sua obra. Tomaremos o Ensaio diacronicamente, ou seja, entendido na ideia geral de que o presente não é tão ingênuo, mas provocador e reclamador de reciprocidade.

Modelo de formatação de TCC - Artigo

¹ O *potlatch* é uma cerimônia praticada entre tribos indígenas da América do Norte, como os *Haida*, os *Tlingit*, os *Salish* e os *Kwakiutl*. Também há um ritual semelhante na *Melanésia*.

² Intitulado “*As dádivas trocadas e a obrigação de retribuí-las (Polinésia)*”.

DÁDIVA DESMESURADA

Esboço antropoteológico da dádiva a partir de Marcel Mauss

Juvenil Pontes¹
(veja a nota de rodapé 1)

Resumo: Todo ato de presentear, segundo Mauss, exige (aspecto da violência), daquele que recebe, um contra-presente. O uso corriqueiro do “muito obrigado!”, denuncia isso. O dom carregaria um espírito “constrangedor”, que provoca, desde dentro, a devolução do presente recebido àquele que o doou. No dom oferecido reside um “reclame” de retorno ao doador. Analisando a “teoria da dádiva”, articularemos o tema teológico da Graça, dom da mais alta autocomunicação de Deus, como uma revelação “constrangedora”, que interpela “própositivamente” o ser humano a uma saída-de-si (injustificação), fazendo-se, ele mesmo, eco-resposta àquele que se dá como um dom soteriológico. Do *fluxo* divino, que age de maneira *influxa*, ao *reinfluxo*. É próprio da Graça impulsionar o ser humano, atraindo-o para dentro do agir divino, tornando-o partícipe do Mistério (cf. 2Pd 1,4).

Palavras-chave: Antropologia cristã. Graça e liberdade. Dádiva desmesurada. Autocomunicação.

Nossa pesquisa não pretende ser um estudo exaustivo do vigoroso trabalho ensaístico de Marcel Mauss (1872-1950). Interessa-nos apenas uma leitura introdutória de sua teoria para proveito antropoteológico que, inclusive, ultrapassa o propósito de Mauss. Ser-nos-á útil, a ideia subjacente à instituição do *potlatch*² e a noção de *hau* ou *mana*, delineados por M. no primeiro tópico³ de sua obra. Tomaremos o Ensaio diacronicamente, ou seja, entendido na ideia geral de que o presente não é tão ingênuo, mas provocador e reclamador de reciprocidade.

Na segunda parte do nosso exercício esboçaremos o *modus operandi* da economia salvífica, utilizando-nos do itinerário do “sistema de prestações totais” proposto por Mauss. O ponto de partida está entre o doador (Deus), que nesse caso se confunde com o dom, e o donatário (o ser humano plenamente revelado em Jesus), não como mero receptor, mas como partícipe, para entender como o “sistema” pode nos ajudar a reconhecer o lugar do ser humano no plano de salvação.

¹ Artigo apresentado ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia / NEE, como requisito para conclusão do Curso de Pós-graduação Lato Sensu / Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo.

² O *potlatch* é uma cerimônia praticada entre tribos indígenas da América do Norte, como os *Haida*, os *Tlingit*, os *Salish* e os *Kwakiutl*. Também há um ritual semelhante na *Melanésia*.

³ Intitulado “*As dádivas trocadas e a obrigação de retribuí-las (Polinésia)*”.

O esquema de Mauss será útil até o limite daquilo que se pode dizer, da linguagem, enfim. Vale ressaltar que a teoria da dádiva não tem a pretensão de explicar o mistério da revelação cristã, que é teofânica, que pertence à lógica ilógica, é evento¹. Aqui o dique do dizível se rompe e nenhum discurso dá conta do inexprimível dom da salvação, que é dádiva de excesso. Marion nos ajudará a ler o evento Graça em terceira via², com o que ele chamou de fenômeno saturado.

1. “Ensaio sobre a dádiva”

Publicado originalmente em 1925, no primeiro tomo da segunda série de *Année Sociologique*, “Ensaio sobre a dádiva” é, sem dúvida, a obra eminente e original de Mauss. Trata-se do resultado de uma série de pesquisas encetadas pouco antes da Primeira Guerra acerca das formas arcaicas de contrato e, em particular, sobre o potlatch – “obrigação de dar presentes”, nas sociedades “primitivas³”.

1.1 Sistema das prestações totais

Na análise das economias e dos direitos que nos precederam nunca se constatam simples trocas de bens. Basta dizer que não são os indivíduos, mas as coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam (potlatch). Os objetos de escambo não são, em primeiro lugar, bens e riquezas (coisas úteis economicamente), mas “amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente” (MAUSS, 2003, p.191). A esse conjunto geral de prestações e contraprestações, Mauss denominou “sistema das prestações totais”.

¹ Evento está posto em contraposição à Instante. O evento se caracteriza como aquilo que vem, com o por-vir. Não emana do passado nem flui do presente, constituindo um futuro. Isso é característica do instante que, aliás, só conhece um tempo, o presente (ver LEVINAS, 2011, *passim*).

² Marion chamará a dita *teologia negativa* (apofática) de *teologia mística*, acompanhando a nomenclatura de Dionísio, o Areopagita, achando aí uma terceira via. (ver MARION, 2010, p. 119).

³ Mauss estuda grupos humanos de tipo “arcaicos” como os índios da costa do Pacífico no noroeste da América do Norte (instituição do *potlatch*), e tribos da Polinésia, que mostram uma prática generalizada de troca de presentes (noção de *hau / mana*).